



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Correio Brasiliense 11-04-2008

O HERÓI DA CASA AO LADO

Pioneiro é bicho muito orgulhoso de seus feitos, não sem razão. Não é qualquer um que participa da construção de uma cidade, da capital de um país, ainda mais em circunstâncias tão singulares. Pioneiro disputa quem chegou primeiro a Brasília: “Eu vim em janeiro de 58”. “Ah, não, eu vim bem antes, em dezembro de 57.”

Brigam até na hora de decidir quem

é pioneiro e quem não é. Para os que vieram antes da inauguração, só eles são pioneiros. Acreditam, fortemente, que quem veio em 22 de abril de 1960 não é pioneiro. Por isso, se dividem em duas associações: uma, da qual participam só quem chegou antes de 1960. E a outra, de calendário mais flexível. E as duas não se bicam.

Pioneiro tem lugar para ser enterrado, uma ala no Campo da Esperança, ao redor de Bernardo Sayão, que teve a trágica honra de inaugurar o cemitério da nova capital. É do que eles, os vivos, fazem mais questão. De um naco de terra para esticar os dois pés gelados e pôr a placa de pioneiro na lápide.

Os que participaram da construção e por aqui ficaram são que nem os pracinhas da 2ª Guerra: carregam no peito a medalha invisível de seu gesto de heroísmo. Como os velhinhos expedicionários a cada novo 7 de Setembro, os pioneiros de Brasília ficam à espera de um desfile, uma homenagem, uma foto, uma lembrança, a cada novo 21 de abril.

Pioneiro vive numa Brasília só sua: aquela que inacreditavelmente brotou da terra, com a força dos tratores e dos braços dos operários (e com o dinheiro a rodo que Juscelino multiplicou para dar conta de sua loucura santa). Pioneiro guarda na veia a quentura de participar de uma multidão entregue a

uma única tarefa: erguer uma cidade.

Quem já construiu a própria casa, acompanhou pedreiro, foi no Rezende e na Cinfel pesquisar preço de material de construção, viu a massa de cimento escorrer na laje, as paredes subindo feito mágica de operário, quem já viu tudo isso tem de leve, mas muito de leve, a noção do que deve ter sido milharas de homens e mulheres construindo uma cidade inteira. E sob um imenso guarda-chuva de promessas de um mundo melhor.

Os estrangeiros entenderam a grandiosidade do projeto de Brasília, mas os brasileiros até hoje não têm noção disso, costuma dizer o pioneiro de antes, Ernesto Silva. Doutor Ernesto, 93

anos e 6 meses, foi o primeiro dos primeiros, veio aqui em 1955, antes mesmo de Juscelino.

Brasília tem uma multidão de defeitos, doutor Ernesto. Os genéticos e os adquiridos por negligência e má vontade de governadores, deputados, senadores, administradores e moradores. Ela não foi feita à imagem e semelhança dos desejos de Lucio Costa e, mesmo que assim tivesse sido, seria imperfeita. Mas ela é a história aberta e habitada de um tempo, de um sonho, do instante mágico de um país. É por isso que com o 21 de abril se aproximando, os pioneiros ficam inquietos, nostálgicos e põem no peito o orgulho de seu heroísmo anônimo.